

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: SABERES CONSTRUÍDOS A PARTIR DE
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UMA ESCOLA DE VÁRZEA NO MUNICÍPIO
DE PARINTINS/AM**

Erika Souza da Silva¹

Jackson de Souza Santos²

Simone Souza Silva³

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo relatar as experiências vividas durante a visita acadêmica à Comunidade Boa Vista do Itaboraí, no município de Parintins, no Estado do Amazonas. O relato conta com a colaboração dos acadêmicos e professora do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, e é fruto da disciplina Educação do Campo, recém implementada no currículo desta licenciatura. Estão presentes neste trabalho as impressões que existiam antes da visita, a importância da escola na área de várzea para as pessoas que vivem nesse contexto, o relato dos professores sobre como se faz educação em uma escola do campo, como os professores e alunos lidam com as dificuldades presentes no cotidiano da vida escolar, além de demais itens relevantes no que diz respeito a Educação do Campo no contexto da área de várzea. Norteiam este trabalho autores como Antunes-Rocha e Martins (2009); Cunha (1989); Fazenda (1999); Castel (2005) e Silva (2017). O trabalho foi produzido por meio do método qualitativo, onde também realizamos entrevistas com professores e alunos e dessa forma podemos dialogar sobre a temática. O relato foi construído com base em estudos teóricos, nas observações feitas durante a visita, além da produção e aplicação de oficina na escola, rodas de conversa, entrevistas e participação dos comunitários, o que nos possibilitou não somente a produção deste documento de relato, como também a produção de documentário em vídeo, e testemunho de novas experiências voltadas para a educação.

Palavras-chave: Educação do Campo, Escola de Várzea, Desafios docente.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP – E-mail: erikasouza074@gmail.com

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP – E-mail: jacksonpeduea19@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Professora da disciplina Educação do Campo do Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP/UEA – E-mail: monesilvapin63@gmail.com

Introdução

O presente relato tem como objetivo partilhar conhecimentos construídos a partir das experiências observadas e vividas durante a prática de campo realizada na comunidade Boa Vista do Itaboraí de Baixo, sob supervisão da professora Dra. Simone Souza Silva. Tais experiências serviram de base para a construção de nossa identidade docente, uma vez que oportunizou conhecermos sobre como acontece o ensino no contexto de uma escola do campo localizada em área de Várzea, bem como ter um parâmetro das condições em que se faz educação nestas localidades. É importante ressaltar que nossa turma foi a primeira a realizar uma atividade prática na comunidade, por meio da disciplina Educação do Campo, uma disciplina nova no currículo do Curso de Pedagogia do CESP-UEA.

Em se tratando das atividades desenvolvidas na comunidade, no primeiro momento realizamos algumas oficinas pedagógicas na escola com os alunos, dentre as quais podemos citar: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no ensino da matemática, coleta seletiva e representação do lugar. Com estas ações, buscamos promover momentos de ensino e aprendizagem, participação e interação com os educandos, os quais, por sua vez, demonstraram bastante interesse em aprender e dedicação ao participarem das atividades propostas.

Além da execução das oficinas, foi realizado com os professores uma roda de conversa em que eles expuseram suas concepções acerca da realidade da profissão docente no contexto em que estão situados, da relevância da formação e qualificação para a transformação social dos alunos e, sobretudo, das condições em que se faz educação na escola visitada.

Ademais, dialogamos também com os moradores, com o intuito de conhecer a historicidade da comunidade, modo de vida, aspectos socioeconômicos, tradições, desafios enfrentados, dentre outros aspectos. Tudo isso corroboram significativamente com nossos resultados apresentados nesse trabalho.

Todos esses momentos fazem parte do percurso metodológico da pesquisa. O resultado é a construção a partir das observações realizadas durante a visita, além da produção e aplicação de oficina na escola, rodas de conversa, entrevistas e participação dos comunitários, o que nos possibilitou não somente a produção deste documento de relato, como também a produção de documentário em vídeo e testemunho de novas experiências voltadas para a educação.

Os Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Processo de Ensino-Aprendizagem da Disciplina Educação do Campo

Assim como muitos estudos passam pela teoria antes de viver a prática, não foi diferente com a Educação do Campo, que antes de conhecer de perto, foi preciso firmar estudos teóricos minuciosos por meio de leituras, análises, sistematizações, discussões em sala de aula e seminários em outros espaços, além do Centro de Estudo Superiores de Parintins – CESP/UEA.

No início da disciplina inaugurada pela turma do 8º período, foram realizadas diversas pesquisas para melhor entender o conceito, os conteúdos e os termos que circundam esta área do conhecimento, pesquisas como as políticas afirmativas e compensatórias se destacaram durante as aulas da disciplina, pois os objetivos são assegurar o acesso a posições sociais importantes a membros de grupos que permanecem excluídos e proteção social aos governados em qualquer área das relações sociais em que essa proteção for requerida. Também buscou-se pesquisar e compreender a divergência dos termos “do” e “no” na frase “educação do/no campo”. Uma simples letra, mas que faz muita diferença, pois representa um processo histórico marcado por lutas, movimentos e ações dos povos camponeses.

Nesse viés, vale ressaltar o Contexto Amazônico, que é constituído por vários territórios rurais, e que por muito tempo se ouviu falar a partir da ótica dos colonizadores, a concepção estereotipada que o denominava de: Eldorado; Santuário; Terra da Superabundância; Pulmão do Mundo; Patrimônio da Humanidade etc. No entanto, essas denominações eurocêntricas serviam para encobrir o capitalismo que se instaurou, e essa ganância perdurou por muito tempo, a qual motivou o fato de a educação nunca ser prioridade, tampouco a Educação do Campo.

Esses estudos realizados serviram como fonte para reflexões que contribuíram para negar e desconstruir o imaginário coletivo acerca da visão hierárquica que há entre campo e cidade, uma vez que o Campo é o cenário de muitas lutas e embates políticos. É a partir dele que se cria uma série de reflexões sociais. É um espaço culturalmente próprio, detentor de tradições, místicas e costumes singulares.

Percurso teórico: impressões antes da experiência vivida por meio da prática de campo

Para acadêmicos que não têm contato com o campo, ou melhor, com a educação do campo, as situações, as vivências em comunidades são sempre algo novo para estes olhares. Realidade que até então era complicada de conhecer, pelo motivo da ausência da disciplina “Educação do Campo”, e que se inviabilizou ainda mais pela pandemia da Covid-19. É nesse sentido que os acadêmicos envolvidos na viagem à comunidade Boa Vista do Itaboraí se propuseram a expor suas impressões sobre os atores que fazem frente no ramo educacional na educação do campo.

Antes de viver a experiência em uma escola do campo, é improvável o pesquisador ter noções certas a respeito dos membros que ali vivem, o que se tem são impressões estereotipadas, mas que são desconstruídas com o movimento de ir até aquela realidade ao invés de só imaginar. Ter a oportunidade de sentir o lugar, a energia dos comunitários, as experiências que eles vivem diariamente, entre inúmeras coisas.

Nesse viés, antes da viagem à supracitada comunidade, em se tratando da estrutura da escola, a impressão que se tinha era a de que as características físicas dela eram bastante distintas daquelas que observamos nas escolas urbanas, e de fato são.

A presença da escola na comunidade de várzea

A experiência vivida permitiu observar que a escola municipal Boa Vista tem uma configuração pensada justamente para a várzea, levando em consideração as mudanças do Rio Amazonas no decorrer do ano. Sua estrutura, assim como muitas escolas na várzea, é um tanto precária, visto que é pequena, constituída de madeira, assoalhada, contendo apenas 4 salas de aula, 1 secretaria, 1 cantina, 1 banheiro masculino e 1 banheiro feminino. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas - INEP (2007), equipamentos como biblioteca, laboratório e quadras de esporte não fazem parte da realidade das escolas rurais.

Os alunos que estudam na referida escola são das etapas da educação básica e as classes são multisseriadas.

A precariedade na infraestrutura da escola afeta no desenvolvimento dos alunos, impossibilitando-os de ter acesso a uma biblioteca, por exemplo, onde possam ter momentos para ler livros que possuam informações sobre a sua realidade e de outras; poder conhecer ficções, história do país, do Estado, e até do mundo, podendo desenvolver o senso crítico desses alunos e assim contribuindo para que se tornem cidadãos ativos na sociedade. As tecnologias educacionais não chegam à expressiva maioria das escolas da área rural, privando os alunos de oportunidades de aprendizagem mediante o uso de televisão, vídeo e Internet. (INEP 2007).

Quanto a imagem dos alunos, um dos fatores que chamou a atenção foi a questão da farda da escola, que até então acreditava-se que não era necessário o uso do fardamento, uma vez que se trata de uma escola de área de várzea, logo não existem muitas escolas naquelas redondezas, visto que a escola Municipal Boa Vista é a que atende os alunos desta e de outras comunidades. Foi possível observar que os alunos frequentam a escola com o uniforme completo, calçados e equipados com seus materiais. Mesmo levando em consideração os riscos de acidentes nos rios, ou com animais selvagens e peçonhentos, seria lógico deduzir à qual escola pertencem.

Em se tratando da aprendizagem, acreditava-se que os alunos tinham mais facilidade para compreender os conteúdos, visto que são poucos alunos em uma sala multisseriada, por exemplo a sala que ficamos encarregados de aplicar a oficina cotinha 13 alunos, do 3º, 4º e 5º ano, acreditava-se que o professor conseguiria atender todas as especificidades. Mas na verdade os alunos da escola de várzea têm as mesmas dificuldades que alunos da escola urbana, como a que podemos observar na aula de formação de frases, que alguns alunos apresentam dificuldades em diferenciar as letras maiúsculas das minúsculas, o próprio professor da turma confirmou essa afirmativa.

Por se tratar de uma comunidade, chegou-se a pensar que os alunos, no geral, moravam na comunidade Boa Vista e compartilhavam o mesmo terreno próximo à escola, porém, o professor Rilksom nos relatou que alguns alunos daquela turma se deslocam à escola por meio do transporte escolar, ou seja, são crianças de outras comunidades, que perpassam todo um trajeto pelos rios para chegar à escola.

Apesar de enfrentarem, literalmente, troncos e barrancos para chegar à escola, as crianças possuem um alto astral e demonstraram empolgação com a presença dos acadêmicos. Muitas delas expuseram o sonho de ser professor(a), talvez por ser uma das profissões mais admiráveis e elogiadas dentro da comunidade, uma vez que para se tornar professor é necessário passar por várias etapas, começando pelo vestibular que é um processo complexo e concorrido, principalmente para alunos de várzea. O fato de mudar para a cidade para cursar o ensino superior também se torna um desafio, pois o interiorano se distancia de tudo aquilo que considera um lar: sua família, amigos, seus hábitos, costumes, e a terra.

Construindo novas percepções: a desconstrução das impressões equivocadas da escola do campo por meio da roda de conversa

Ao ouvir os relatos dos alunos durante a roda de conversa, foi possível desconstruir aquilo em que se acreditava até então. Por um momento chegamos a pensar que as crianças ficariam receosas de expor seu cotidiano para pessoas desconhecidas, mas provaram o contrário, muitas sentiram-se à vontade com a presença dos acadêmicos e contaram um pouco das experiências que vivem na várzea, dentre as quais destacaram-se as brincadeiras, os fenômenos naturais e os perigos.

Para Santos e Silva (2021, p. 36);

As experiências em práticas de campo, projetos de pesquisas e projetos de extensão realizadas em escolas do campo corroboram para ampliar a visão dos

acadêmicos quanto à realidade do ensino nessas escolas, ao mesmo tempo em que a apropriação de conhecimentos e experiências contribui de forma significativa em seu processo formativo, especialmente quando o que se espera é aproximar o contato mais próximo com esta realidade e dos seus sujeitos de aprendizagens.

Nesse sentido, a visita foi significativa, principalmente, no que se refere às percepções da realidade das comunidades de várzeas. Durante a visita, as crianças nos contaram que os banheiros do rio são os responsáveis por derrubar as pontes da comunidade onde moram, chamada São Vicente e que algumas vezes esses banheiros são causados pelos navios que passam por ali e cabe aos pais e moradores da comunidade consertar o prejuízo.

Compartilharam conosco ainda as brincadeiras que realizam pela comunidade entre elas: manja bola, pular corda, pendurar-se nos galhos das árvores, jogar bola, nadar. Até que um aluno ao ser questionado sobre a mãe ficar brava com esse tipo de brincadeira, responde: *“A gente termina de fazer as coisas e ela libera a gente. A gente faz rápido pra gente brincar.”*

É interessante que as crianças têm noção do perigo, mas que mesmo assim buscam formas de aproveitar suas infâncias, falaram com alegria sobre como gostam de pular n'água, mas evitam, pois é perigoso. *“Eu parei de pular n'água na terra firme quando disseram que apareceu uma cobra grande lá. Eu fiquei com medo dela me comer.”*, relatou um dos estudantes.

Condições em que se faz educação na várzea: a realidade dos profissionais docentes

Uma das impressões antes da experiência na comunidade de várzea e que não mudou é a concepção de que o professor é decisivo para o sucesso da aprendizagem dos alunos. Apesar de enfrentarem inúmeros problemas para exercer sua profissão, estes educadores mantêm-se firmes frente à realidade da educação rural.

O que se imaginava dos professores antes de conhecer a realidade, não passava tão distante do que de fato é. Os professores enfrentam desafios diariamente na várzea, considerando o trajeto para a escola, em que precisam enfrentar a chuva, a lama, o sol, o trabalho com as turmas multisseriadas, em que as séries e idades dos alunos se intercalam e o professor precisa identificar e trabalhar o nível de cada aluno; aulas fora da sua área de formação, e as formas como aprendem a conviver com as dificuldades.

Um dos problemas que mais se destaca é o trabalho com disciplinas que não fazem parte da área de formação dos professores, o qual exige um trabalho maior desses profissionais, que

precisam se dispor a estudar mais a fundo outras áreas para proporcionar uma aprendizagem significativa ao aluno. Como o caso da professora Clenilza Moreira, graduada no Curso de História, mas que ministra aulas nas disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa para as séries do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, a qual nos revelou sentir uma certa facilidade por ser conteúdos próximos, talvez por serem da área de humanas, mas que sentiu uma dificuldade maior ao se aprofundar nos conteúdos de Língua Portuguesa, uma vez que estes são fundamentais na vida do aluno e que não podem ser ensinados de qualquer forma. Sendo assim, ela acrescenta: *“Não vamos para a sala de aula para enganar o aluno, fazer de conta que sabemos”*.

É interessante ainda a fala da professora Lucelina Azevedo, que nos revela:

“Nos encontros pedagógicos na cidade, nós somos conhecidos como os ‘pé tuíra’, porque a gente fica aqui na lama, pensam que a gente só fica na lama igual porco, mas a gente não é! Na minha unha, eu gosto de usar cores escuras por causa disso. Se a gente usar um branco, quando a gente dá, já está amarelo. Roupas brancas também evitamos usar”.

Esses relatos, por mais que sejam ditos com tom de humor pelos professores de várzea, não deixam de revelar as verdadeiras dificuldades e preconceitos que eles enfrentam. No entanto, os professores reconhecem o lado bom de morar, trabalhar e viver no campo. Expuseram que um dos benefícios é poder respirar o ar puro da natureza, o que se torna algo grandioso para eles, sem contar que quem não é do campo aprende a gostar de viver ali.

O papel da escola: o ensino no contexto em que a escola está situada

A visita até a escola Boa Vista nos deu possibilidade de ter um olhar mais delicado no que diz respeito ao ensino no contexto de escola do campo. Ao decorrer das atividades na escola, notamos a contextualização em materiais didáticos como por exemplo, o uso de frutas regionais para identificação do alfabeto, o uso de animais da região para contagem matemática, e a produção de atividades didáticas com materiais que se encontram ao redor da escola.

Muitos desafios são enfrentados diariamente ao se fazer educação em uma escola do campo na área de várzea, sendo os alunos os que mais sofrem com esses desafios, tais como a possibilidade de chegar até a escola. O transporte dos alunos é feito por barcos a serviço da Prefeitura do Município, onde os alunos saem de lugares mais distantes, com o intuito de chegar até a escola na comunidade Boa Vista do Itaboraí. Alguns relatos chamaram a atenção por conta

da dificuldade que é em tempos de seca para alguns alunos chegarem até a escola, e ainda assim, estes são alguns do que tem melhor rendimento na escola.

Formação do professor frente aos desafios de ensinar e aprender: a relevância da escola para a transformação social dos sujeitos daquela localidade

Ser educador no campo requer uma gama de conhecimentos, é necessário ser sabedor e entender as necessidades que emergem nesse contexto. Mais que um educador é o exercício pleno da cidadania para com aqueles que por muitas vezes são desassistidos pelas políticas públicas e esquecido pelo estado. Para Antunes-Rocha e Martins (p. 36, 2009) “o fundamental para os cursos de licenciatura do campo é que a formação do professor não perca o conceito de totalidade e nem seja dirigida a um conhecimento produtivista”. Todas essas questões envolvem a luta pela construção de uma educação do campo democrática e humana. Os movimentos que emergem em prol desses povos camponeses se tornam essenciais para o fortalecimento das lutas e garantia dos direitos deles.

Um das realidades das escolas do campo é a necessidade urgente da formação dos professores para a atuação nessa área. Os desafios são diários e lidar com os sujeitos dessa realidade é desafiador, uma vez que ambos necessitam estabelecer uma relação mútua de respeito e compreensão dadas as necessidades no qual se encontram se valendo de metodologias que instiguem seus estudantes.

Como aborda Cunha (1989) sobre metodologias “um professor que acredita nas potencialidades do aluno, que está preocupado com sua aprendizagem e com o seu nível de satisfação com a mesma, exerce práticas de sala de aula de acordo com esta posição. E isto também está indicado na relação professor-aluno.” Na escola Boa Vista do Itaboraí evidenciamos esta grande parceria entre estudante e professor. Em sua maioria, estudantes percorrem um extenso trajeto para chegar à escola. Os professores que atuam na escola nos relataram as dificuldades, e nos revelaram com alegria a parceria entre a escola e os estudantes para alcançarem êxito em suas formações.

Os professores que atuam na escola são formados em diferentes áreas da sua atuação, tendo que lidar com as séries multisseriadas e planejar um ensino interdisciplinar sendo esses para diferentes etapas da educação. Nesse sentido, é desafiador ensinar ou mesmo mediar essas aprendizagens tendo em vista as diversas precariedades e insuficiência no que se refere ao material didático pedagógico, assim o professor ter que enfrentar maiores desafios para buscar meios para realizar e proporcionar a estes estudantes uma educação significativa.

Nesse sentido, a escola do campo toma uma relevância social significativa para a formação desses sujeitos, desses povos. Embora a escola ainda seja vista como uma instituição técnica para uma formação que se refere ao trabalho, serviço a esta grande engrenagem do capitalismo é papel dos “educadores buscar a transformação das práticas pedagógicas e administrativas da escola, com o objetivo, de pelo menos, reduzir a disparidade entre necessidades postas e resultados oferecidos em síntese, torná-la mais humana” (Fazenda, 1999).

Ademais, pode-se perceber através dos relatos dos moradores e dos estudantes, como a escola na comunidade se torna um ambiente fundamental de busca por novos horizontes. Fazenda (1999) aponta que a escola está cada vez mais responsabilizada pela educação no que se refere a formação pessoal e humana do indivíduo fazendo-o com que ele seja capaz de inovar e se tornar participativo em questões sociais e assim construir uma democracia.

Portanto, a vida na comunidade se faz importante, mas também é essencial que esses estudantes procurem fortalecer suas formações para corroborar e continuar com a existência e lutas dos interesses e direitos de seus povos.

Considerações finais

A experiência vivenciada na escola do campo em território de várzea, especificamente na Escola Municipal Boa Vista, foi de muita importância para nosso conhecimento profissional enquanto acadêmicos do curso de Pedagogia, uma vez que a realidade das escolas em áreas de várzea é difícil por conta do local onde estas estão inseridas, em que o ambiente escolar é afetado e sofre com as mudanças climáticas, principalmente com a enchente do rio Amazonas, e isso dificulta o acesso dos alunos, onde enfrentam caminhos perigosos para chegarem ao local. Enquanto para os professores, torna-se uma tarefa complicada, mas que, sobretudo, fazem dos desafios estratégias para ensino aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, essa vivência na escola do campo teve muita representatividade para nós, em que foi possível perceber a força de vontade e o querer de todos envolvidos na escola, tanto dos professores e alunos, como também dos comunitários para que os alunos tenham uma educação de qualidade. Aprendemos que não basta apenas ensinar, pois a Educação do Campo vai muito além disso, devemos como educadores nos inserir no ambiente escolar, se aproximar da comunidade, conhecer suas especificidades, seus limites e possibilidades para que de fato a aprendizagem seja significativa.

Ao acompanharmos o trabalho dos professores, notamos o grande compromisso que estes têm com seus alunos, que mesmo com o pouco, conseguem ajudar as crianças, e isso de



certa forma, serve de incentivo para aqueles que pretendem atuar nessas comunidades, pois os professores se mostraram bastante interessados em ajudar e mudar a realidade dos alunos, uma vez que são educadores que compreenderem e conhecem a comunidade, dessa forma participam do processo social dos sujeitos do campo, e, principalmente, lutam junto aos comunitários por direitos que não são atribuídos nas escolas do campo, resistem sobre a dependência do poder público.

Referências

A virtude da força nas práticas interdisciplinares/Ivani Fazenda (org.). – Campinas, SP:Papirus, 1999. – (Coleção Práxis)

CASTEL, R. Insegurança social: o que é ser protegido. Petrópolis: Vozes, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. SP: Papirus, 1989. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Educação do Campo: desafios para a formação de professores / Maria Isabel Antunes-Rocha & Aracy Alves Martins, (organizadoras). – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 1)

FERES, J; CAMPOS, L; DAFLOW, V. **Ação Afirmativa: História, conceito e debates**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da educação no campo**. – Brasília, 2007.

SANTOS, Jackson de Souza; SILVA, Simone Souza. **VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ESCOLAS RIBEIRINHAS DE VÁRZEAS**. *Extensão em Revista*, ISSN 2525-5347, 7º número – 2021.

SILVA, Simone Souza. **Políticas de formação inicial de professores do campo em Parintins: contexto e contradições**. 2017.